

## perplexidade internacional

A Alemanha, depois do seu golpe de *gangster* na Austria, hesita, perplexa.

A Itália, roída de inveja, e surdamente neceosa, hesita, perplexa.

A Inglaterra e a França, emleadas em contradições, postas entre a S. das N. e a Força, hesitam, perplexas.

As classes dirigentes, hesitam, perplexas; as massas populares, hesitam, perplexas.

«Qui commande?» pergunta um articulista estrangeiro: e responde: «*Personnel*!»

Mas nós diremos: quem manda, hoje, como sempre, na história, não são os homens, nem as nações, mas as forças da história.

Quem manda é a História, que conduz a Crise actual para a sua fatal solução. E as forças vão-se agrupando, em tensão; um dia attingirão o equilíbrio ou a ruptura, e então a solução, automaticamente, aparecerá.

## a glória e a crítica

O nosso país foi sempre um país desarrumado—sobretudo no que diz respeito a coisas do espirito. E dentre estas, mais do que todas, talvez, as que bolem com a critica. Não se falla já, é claro, na que é de uso fazer a grande imprensa—pois que essa está fora de qualquer referência. Realmente a critica que em Portugal se diz séria, que a todo o transe quer que a tomem como séria, só reflecte, salvo um ou outro caso, submissão incondicional ao nome feito, à amizade ou às predilecções de escola. Exemplificando: há criticos para quem as novas tendências poéticas são indícios de semiloucura; mas há-os igualmente para quem os versos sujeitos a métrica mexem com os nervos. Há-os que desdenham a chamada arte social e os que toncem o nariz à rotulada arte pela arte; os que só admitem a arte subjectiva e os que apenas elogiam a arte objectiva; os que engrandecem por amizade e os que fustigam por despeito. Mais pernicioso, todavia, que o despeito, a amizade e os gostos pessoais—é a influência da glória. Escrevei um livro pé-

# d e S o l a S o l

## os imortais

Não julgue o leitor que nos referimos ao sr. Júlio Dantas e respeitável acompanhamento. Não valeria a pena gastar tinta e papel com coisas ditas e reeditas e, depois, aquelas eminentes criaturas poderlam julgar ser o prato obrigatório de todos os que sentem a necessidade periódica de se mostrar pessoas muito «irreverentes»...

A divina providência tem sido fecunda em parir «génios», de toda a espécie e para todos os gostos, que resgatam os pobres e estúpidos mortais da ignorância e da cegueira de espirito. Ainda por cima (alegre-mos todos!) os «génios» não pedem muito: basta que rastejemos humildemente defronte das vitrines dos cafés onde pontificam para alguns elleitos; que murmuramos um *amen* comprometido e embasbacado perante os ecos das suas frases estupendas; que interroguemos assiduamente os sacerdotes seus porta-vozes sobre os oráculos que nos lançam do alto das suas mentalidades privilegiadas.

Em troca é todo um mundo novo que nos prometem: em lugar do clássico bacalhau a pataco dos politiqueiros de ontem, a renovação mental e artistica; em lugar da insipidês da literatura sem vida de outrora, o calor potente dum subjectivismo todo romance detectivesco e metafisica transcendental; em lugar da retórica comiciêsca e esbracejante, tormentosas revoltas contra a estupidês e incompreensão do público, dos faltos de acaciana experiência, de sagrado respeito pelos «génios» e amigos dos «génios».

Em resumo: porque se não organisa um museu para collocar todas as «glórias pátrias» e onde ao lado do sr. Júlio Dantas se coloquem os seus irmãos mais novos, mais descompostos, também já muito experientes mas muito mais espampanantes?...

Nota: —referimo-nos apenas a certos «génios» mas se, como esperamos, aparecerem numerosas pessoas preclaras a julgar que também é com eles, agradecemos vivamente o facto de começarem a perceber alguma coisa.

simo, pespegal-lhe na lombada um nome célebre e de entre cem criticos dois (e é ser optimista) condenarão a obra. Os noventa e oito restantes dirão tais maravilhas que sentireis náuseas.

Ainda aqui há poucos dias se deu um caso symptómico que tem o valor dum simbolo. Um poeta em torno do qual se tem queimado muito incenso, foi desmascarado como plagiador. Um critico que no país goza certa nomeada (houve já quem o apontasse como o único critico existente em Portugal) em face do trabalho onde se demonstravam os plágios tomou esta attitude: defender o plagiador. Possivelmente gostariam de saber se com tal gesto o critico quis prestar um serviço à pátria, pagar uma dívida de gratidão ou justificar um ponto de vista estritamente pessoal. Não. Ele não quis servir a pátria, nem um amigo, nem um ponto de vista seu: submeteu-se à glória do poeta. E mais nada.

## sobre certas críticas literárias

*Instantes*, o livro de poemas de João José Cochofel a que já fizemos a devida referência, meneceu da critica unânimes e merecidos louvores.

Pois as qualidades que lhe foram atribuidas parece que não correspondiam à verdade. Pelo menos é o que se conclue lendo a critica do sr. J. M. na revista *Pensamento*.

É um caso sério, cair nas garras da critica dessa revista, mas isso apenas para os autores da poesia denominada modernista (para o resto há sempre um elogio no canto da gaveta).

Pode ser João Falco, um

dos maiores valores femininos actuais, António de Sousa, seja quem fór, sem distincção de valores, que ali não se está com meias medidas: é de escacha pecegueiro.

É na verdade confrangedor o que, nesse sector, se vem fazendo nessa simpática revista—simpática pela intenção, apenas, mas bolorenta e caduca, sonolenta, vaidosa no apregoar dos seus diplomas e na basofia de intitular-se a *mais útil sob o ponto-de-vista educativo*, tal qual fabricante de drogas fazendo réclamo aos seus productos.

Com *Instantes*, a critica de *Pensamento* foi muito mais longe do que seria licito esperar da sua catunrice, conservantismo, ignorância e facciosismo. Ninguém, suponho, poderá tomar a sério o que a seguir transcrevemos:

«Este livro não é, como o seu autor pretende, um livro de poemas, visto que nunca poderemos chamar poesia a todas as produções que estejam fora da métrica.

«Poesia é, no dizer das pessoas que a não desconhecem por completo, uma ou mais linhas de palavras, com medição e acentuação obedientes a regras estabelecidas, formando uma cadência musicada, tanto mais quanto maiores forem as qualidades poéticas do autor.»

Inacreditável, este senhor J. M., o autor de tais palavras. Coltadinhas da Arte e da Poesia se fossem apenas *uma ou mais linhas de palavras com medição e acentuação obedientes a regras estabelecidas*, etc., como o pretende o sr. J. M.

Coloca-nos, ainda, o autor da tal critica, numa posição aborrecida: ao declarar que nunca poderemos chamar poesia a produções que estejam fora da métrica, nós, que tinhamos sido tentados a classificar a produção do sr. J. M. como poesia, vemo-nos forçados, pela sua classificação, a chamar-lhe prosa, quanto mais não seja por *exclusão de partes*.